**IMORTAIS DA ACADEMIA**

**EPISÓDIO 1 – ABAIXO AO TATIBITATI**

**01:00:17:15**

**ABERTURA**

**01:00:22:17**

**OFF**

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,

Arte e ciência, pensamento e memória,

Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.

A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.

Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,

Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

**01:01:03:15**

**VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia**

**01:01:21:16**

**ANA MARIA MACHADO – Atual ocupante da Cadeira 01**

Eu não consigo escrever uma estória enquanto eu não sei qual vai ser a estrutura. Então às vezes eu fico meses, semanas com vários elementos na cabeça. E já sei que vai ter uma situação assim, um personagem de outro tipo, vou em algum momento discutir esse tipo de questão, mas eu não faço ideia de como vai ser o livro. Só quando eu descubro como essa estória vai ser contada é que eu consigo contar. No “História meio ao contrário”, por exemplo, eu tinha vagamente uma vontade de contar uma estória de como surgiu a noite.

Acho que a gente tem apego aos personagens, mas ao mesmo tempo tem um momento que tem quase uma impaciência com eles. Se a gente trabalha todo dia com eles, tem uma hora que você quer variar! Tem hora que cansa. Esse cara vai dizer isso outra vez? Já disse há trinta páginas, não sei o quê, enfim. Tem um que é reiterativo, outro que é surpreendente, que faz uma coisa que você não esperava. Enfim, sou muito mais cerebral do que se imagina.

**01:02:37:05**

**VIDEOGRAFISMO – Cadeira 01: Abaixo ao tatibitati**

**01:02:52:12**

**RUTH ROCHA - Escritora**

Ana Maria Machado é uma escritora sem tatibitate. Eu acho que ela é muito voltada para a liberdade, ela é muito voltada para a justiça e ela é muito voltada para a verdade. E eu acho que ela pressupõe nas crianças, tanto as meninas quanto meninos, o interesse por essas coisas. Embora não seja isso não esteja explícito, mas dentro dos argumentos, dentro dos roteiros, dentro das estórias que ela conta, isso está implícito, sempre.

**01:03:27:13**

**NINFA PARREIRA – Psicanalista e escritora**

Tem um grupo de autores da década de setenta que começaram a publicar, e Ziraldo no finalzinho dos anos sessenta, sessenta e nove foi o primeiro livro do Ziraldo, que é o “Flics”, aí nesse grupo eu incluiria Ana Maria Machado, Lygia Bojunga, Ziraldo como eu falei, tem Marina Colassante, Joel Rufino dos Santos, Bartolomeu Campos Queiroz, Ruth Rocha, Silvia Ortof, que consolidaram a literatura infantil, juvenil brasileira, inaugurada por Lobato cinco décadas antes. Alguns críticos chamam esse momento de boom da literatura infantil, juvenil brasileira, que é como se tivesse tido mesmo uma explosão assim, que foram várias coisas que coincidiram nesse momento, uma delas era a ditadura militar, e a literatura infantil não era um alvo de censura. Os censores estavam voltados digamos para shows, questões da música, do teatro, e a literatura infantil passou meio desapercebida. E as questões como autoritarismo, a ditadura, o poder, elas começaram a surgir nas obras desses autores que eu citei, mas de um jeito muito assim, envolvido na fantasia, que você não perceberia, você não ia perceber. E o contexto era esse, era um contexto de muita perseguição, mas que isso não calou a voz deles, então, esse projeto do Lobato foi levado a diante e até hoje, a gente pode dizer que até hoje continua em evidência.

**01:05:16:12**

**ANA MARIA MACHADO – Atual ocupante da Cadeira 01**

Eu quando comecei a escrever, comecei com livro teórico, para adulto, de crítica literária, que foi minha tese sobre Guimarães Rosa, e era um trabalho de muita pesquisa, de muito rigor teórico, com um jargão muito específico. Uma coisa de muita responsabilidade intelectual, digamos assim. E quando nesse momento me convidaram da Revista Recreio, em São Paulo, uma revista nova que estava sendo criada, para experimentar escrever uma estória para criança, e eu fiz a primeira experiência, eu gostei de mexer com esse registro de linguagem. A possibilidade de usar uma linguagem brasileira, de todo dia, cotidiana mesmo, familiar, muito perto do oral, da oralizante, quando não era oral era fingindo que era. Então, com isso, com essa ferramenta, com esse instrumento, eu poder enfrentar os desafios de fazer uma obra de qualidade literária, com várias camadas de significado, com estrutura complexa, com sofisticação, numa linguagem aparentemente simplória, quase rasteira. No decorrer do processo, eu fui descobrindo outros desafios, que não mais só linguísticos, eram mesmos de estruturação narrativa, e descobrindo outras ideias, outros contrastes que eu queria pôr em diferentes personagens, outras questões que eu queria discutir, então sempre tinha mais coisa, e eu continuei escrevendo. Por isso cheguei a tantos!

**01:07:06:16**

**OFF**

“A transição para a democracia demorava tanto, sem chegar a se completar, já ia quase ficando mais longa do que a própria ditadura. E por mais que a mulher entendesse que o tempo histórico é outro, para o tempo de sua vida esses anos eram demais, era algo que estava sendo roubado dela sem possibilidade de devolução. Levado pela rapina do corvo do tempo, que a espoliava com seu nunca mais.”

*Tropical Sol da Liberdade*

Ana Maria Machado

**01:07:44:00**

**ANA MARIA MACHADO – Atual ocupante da Cadeira 01**

Mas o quê que me levou a isso, foi uma conjuntura. Quer dizer, eu podia dizer claramente que foi final de setenta e nove, quando saiu a Anistia. Eu me senti livre! Eu não preciso mais ficar aqui enfrentando esses caras todos os dias, porque agora vai voltar todo mundo, vai ter quem faça isso, eu posso escrever. No dia que saiu a Anistia, eu o dia inteiro fiz matérias, a gente deu várias edições extras. Eu trabalhava na chefia da redação da Rádio Jornal do Brasil. Aí, de noite cheguei em casa e comecei a escrever “De Olho nas penas”, que era um livro que eu queria escrever há muito tempo. Eu sabia mais ou menos como era a embocadura, mas eu não conseguia fazer porque eu ainda estava autocensurada de alguma maneira. Aí, sentei em frente da Olivette e escrevia primeira frase: “Miguel tinha oito anos, dois pais, e uns cinco países pelo menos.” Eu sabia quem era esse Miguel, que estória eu ia contar.

**01:08:54:09**

**OFF**

Mordaz, o regime militar não poupou a história de marcas indeléveis. Se em Ana Maria os rastros aparecem da vida à obra. Na ABL, essas memórias surgem em episódios controversos.

**01:09:14:23**

**CARLOS HEITOR CONY – Atual ocupante da Cadeira 03**

O Juscelino sempre namorou a Academia. Quando ele deixou a presidência, foi preso na época também, ele quis entrar para a Academia. Mas nas memórias dele, ele falou mal de muitos acadêmicos, que foram contra a ele, que depuseram contra ele. Aí esculhambou o Athaíde, o Austregécilo de Athaíde, o Hermes Lima. “São meus inimigos pessoais.” Mas quando ele se candidatou a Academia, ele me chamou e disso: “Olha, muda tudo.” Não falou mal de ninguém, entendeu? É coisa de político mesmo. Mas não foi eleito, não foi eleito, mesmo porque houve uma atrapalhada na contagem de votos. Isso é fato. No meu livro sobre Juscelino eu conto em detalhes. Houve um voto pra ele que foi contado para o adversário, Bernardo Élis. Era um bom contista por sinal, muito bom contista. Juscelino não era bem um escritor. Juscelino era ......

**01:10:05:16**

**DIOGO CUNHA - Doutor em História**

A eleição era em outubro de setenta e cinco, que já era um momento onde se estava iniciando o processo de transição para a democracia. O JK, o Juscelino Kubitschek, ele era um dos personagens, um dos atores políticos, que tinha sido mais incomodado, perseguido pelos militares desde sessenta e quatro. Muita gente avalia que ele já não representa nenhum risco pro regime militar. Os militares ele veem isso de outra forma. A vitória do JK na Academia relançaria de alguma forma o JK na cena política. Aquilo seria como um trampolim pro JK. E o Bernardo Élis era um escritor goiano, que não era muito conhecido, que havia militado na esquerda, e que fica mais conhecido por conta desse episódio. É importante, quando a gente pensa não só na eleição do JK e do Bernardo Élis, como também na de Lyra Tavares e na do Ledo Ivo de sessenta e oito, não dissociar essas duas eleições, do, vamos dizer assim, da doação que os militares fazem para a Academia. Do pavilhão que fica ao lado do Petit Trianon, e em seguida do financiamento para a construção do que é hoje o Palácio Austregécilo de Athaíde. A estória dessa doação ela começa antes de sessenta e quatro, ainda no governo do Kubitschek, e aí o Athaíde ele vai relançar isso já após o Golpe de sessenta e quatro. Ele vai começar a pedir ao Castelo Branco a doação do pavilhão, mesmo esse espaço, para construir um centro cultural. Nos diários de JK, JK fala: “Não, estão conspirando contra mim e tal. O Golbery não me perdoa por eu não ter promovido ele na década de cinquenta.” O Golbery do Couto e Silva que é uma das figuras chave do regime militar brasileiro, um dos grandes conspiradores pré sessenta e quatro, que depois é um dos criadores do Sistema Nacional de Informação, figura com muitos poderes. É uma jogada de mestre pro Golbery, pegar um cara de esquerda pra derrotar o JK.

Bernardo Élis

Posse em 1975

**01:12:42:05**

**EDVALDO BERGAMO – Doutor em Literatura Comparada**

Quem descobre a literatura do Bernardo Élis sabe que está lhe dando com o melhor da literatura brasileira. O melhor naquilo que a gente entende como uma das vertentes mais significativas da literatura brasileira, que é a literatura regionalista. Com uma longa tradição, que vem do século dezenove, do romantismo, e que ganha uma dimensão tão significativa naquilo que a gente chama de Literatura de Trinta. O quê que a gente chama de Literatura de Trinta? Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, que são esses autores que dão um nordeste à ver. O ciclo da cana, Raquel de Queiroz o Ceará, o sertão do Graciliano Ramos, a Bahia do Jorge Amado. Existe um Goiás do Bernardo Élis, que infelizmente não tem a, não teve a repercussão que poderia ter tido, que é aquele velho clichê, o Brasil não conhece o Brasil. E aí essa literatura que o Bernardo Élis traz é uma literatura que revela um outro Brasil pra uma, pra uma comunidade leitora litorânea, vamos dizer assim. Enfim, tem aí, no caso do Bernardo Élis, uma força inventiva na linguagem que muita gente o aproximou do Guimarães Rosa.

**01:14:05:25**

**OFF**

“O silêncio caía imenso sobre o lugar. Longe, lá para os lados da fazenda, vozes chamando, pedaços de frases, um pilão socando, latidos de cachorros, cacarejos de galinhas, ‘Maria, ocê...’ que o resto o vento sacudia pra longe; de novo o silêncio mais silencioso desse mundão de meu Deus.”

*Caminhos e Descaminhos*

Bernardo Élis

**01:14:47:10**

VINHETA – Estamos apresentando

**01:15:07:00**

01:VINHETA – Voltamos apresentar

**01:15:15:15**

**OFF**

A cada um dos quarenta fundadores foi dada a inicial tarefa de eleger o patrono de sua cadeira.

Na poltrona um, o escolhido de Luís Murat foi Adelino Fontoura.

Afinidades, honrarias, gentilezas. Os critérios foram muitos.

**01:15:39:13**

**FLÁVIA DO AMPARO – Doutora em Letras**

O Murat não explica assim essa escolha, porque, enfim, e não se justifica, porque ele não foi uma figura proeminente, não publicou nenhum livro, pelo que a gente detecta assim em relação ao Adelino, é que de fato foi um amigo pessoal do Murat, e alguns chegam a dizer, mas aí não é, vamos dizer, não foi o Murat que disse, mas alguns chegam a dizer que por ser um nome em “A”, que como as cadeiras foram organizadas por ordem alfabética do nome dos patronos, ele teria escolhido o Adelino exatamente pra ser a cadeira número um. Mas aí são, vamos dizer assim, outras especulações sobre a escolha do Murat, e como ele era controverso mesmo, em relação até mesmo ao posicionamento, então, ele não seguia a cabeça dos outros. Ele seguia a cabeça dele, então ele era de certa maneira ao escolher esse sublime desconhecido, eu acredito que o Murat estava assim reagindo também, a essa sublimidade das grandes figuras e aí ele ter escolhido um homem simples também identifica muito essa questão dele ser sempre controverso em relação aos outros. A grande questão é que o Murat, além de ser um parnasiano ele cultiva uma admiração por poetas românticos, de uma vertente mais libertária, como o Vitor Hugo. E desse modo, ele não consegue se desvencilhar completamente do romantismo. Por outro lado, ele tem uma paixão muito grande também pelas questões de origens popular, inclusive ele esteve assim, compondo marchinhas de carnaval, como marchinha Beijos, que posteriormente foi até musicada pela Chiquinha Gonzaga. Então, a poesia do Luís Murat fica nesse entre lugar, mas eu acredito que a consagração dele vem, porque ele teve uma carreira ascendente. Ele com 29 anos ele foi eleito deputado, participa da assembleia, primeira assembleia constituinte, que seria essa assembleia da república e tal, ele é um republicano. Então, ele apoia essa república, e ele acaba se envolvendo também, no período que o Floriano Peixoto começa com uma perseguição muito forte aos opositores da república, ele apoia a segunda revolta da armada. Alguns chegam a dizer que no final da vida ele chegava a conversar com Floriano Peixoto. Então, o Floriano Peixoto o visitava, deixava o cavalo lá embaixo e ele batia altos papos com o Floriano Peixoto. Bom, se a pessoa acredita que ele de fato cultivava essa crença no espiritismo, então, é possível que ele conversasse com o espírito lá do Floriano, mas outros dizem: Ah, não. Ele enlouqueceu, ele pirou. Então, muita gente coloca o Luís Murat de uma forma pejorativa, nesse sentido de que no final da vida ele tenha se dedicado a questões que de repente dentro do campo literário, seriam questões mais para o campo da espiritualidade do que propriamente do campo estético. E acho que não perdoaram ele por isso.

Adelino Fontoura

Patrono da Cadeira 01

Luís Murat

Fundador da Cadeira 01

Luís Murat

Fundador da Cadeira 01

Luís Murat

Fundador da Cadeira 01

Floriano Peixoto

Ex-presidente do Brasil

**01:19:22:21**

**OFF**

De polêmicas a anedotas,

A cadeira um sempre deu lugar ao intenso.

Com a atual ocupante,

Sustenta o peso de uma obra, além de vasta, aguerrida.

**01:19:40:10**

**NINFA PARREIRA – Psicanalista e escritora**

A Ana foi livreira, ela foi editora, ela foi pesquisadora, foi crítica literária. Foi professora, foi estudiosa de literatura infantil, juvenil. Aqui no Brasil e fora, quando ela morou fora também. E ela foi pioneira em várias dessas funções. A primeira livraria de livros para crianças foi da Ana. Ela trouxe a primeira livraria para o Brasil. Então, assim, a vida dela é impregnada de literatura infantil juvenil, além dela ter estudado muito. E ela tem uma contribuição importante pela obra ficcional voltada para a infância e a juventude, mas também pela obra de ensaios, que ela tem vários livros de ensaios, sobre políticas de leitura, que são livros assim, que foram também pioneiros nesse quadro nosso. Então, é uma característica da Ana também, ser uma desbravadora assim num momento em que, para a mulher ainda não existia o espaço de trabalho que existe hoje. Ela foi uma grande pioneira. Ela tá sempre na contramão, fazendo um questionamento sobre o que é esse mundo congelado de regras, cheio de coisas que podem e que não podem. Isso só pode pra menino. Então é uma marca da literatura dela, que na verdade ela antecipou essa discussão do feminino que a gente está tendo hoje. Mas isso ela já fazia lá há trinta, quarenta anos atrás.

**01:21:19:21**

**OFF**

“Como você já deve estar percebendo, Bisa Bia e eu somos capazes de ficar horas assim, batendo papo explicativo – como ela gosta de chamar. Ela explica as coisas do tempo dela, eu tenho que dar as explicações do nosso tempo. É que dentro do envelope, dentro da caixa, dentro da gaveta e dentro do armário, ela não tinha visto nada do que andava acontecendo por aqui esses anos todos.”

*Bisa Bia, Bisa Bel* - Ana Maria Machado

**01:21:51:19**

**RUTH ROCHA - Escritora**

Nós somos feministas. Tanto eu quanto ela. Eu acho que a gente realmente, assim como a gente batalha pela verdade, pela justiça, pela liberdade, a gente batalha pela verdade, pela justiça e pela liberdade das mulheres, em geral. Então as nossas princesas não são, são questionadoras, e as nossas meninas são questionadoras, como os meninos também. Não há muita diferença.

**01:22:20:07**

**NINFA PARREIRA – Psicanalista e escritora**

Então a presença da Ana na Academia Brasileira de Letras é um reconhecimento também para a literatura infantil juvenil brasileira, que é uma literatura sempre que ficou meio à margem. É uma literatura por exemplo que nas universidades muitas vezes não há disciplinas voltadas para a literatura infantil, e você ter uma autora do porte da Ana na ABL, é você realmente assim dar o status dessa literatura, que não é uma literatura menor.

Ana Maria Machado

Posse em 2003

**01:23:02:26**

**ANA MARIA MACHADO – Atual ocupante da Cadeira 01**

Eu quando entrei, logo que eu entrei, eu me sentava do lado de Celso Furtado, que cochichava comigo comentando tudo que acontecia na sessão. Eu me sentia absolutamente privilegiada com aquilo! Imagina, eu tenho o Celso Furtado só pra mim durante uma hora, uma vez por semana! Era uma coisa fantástica! Ele nem imaginava, mas ele tinha sido um ídolo meu de adolescência, de juventude. Então isso era uma coisa maravilhosa.

Eu não, não vislumbrava que viesse para a ABL até a hora de começar a campanha. Quando eu fui procurada por um grupo de acadêmicos sugerindo que eu me candidatasse na vaga do Evandro, eu não... “mas isso nunca passou pela cabeça”. Aí quando chamaram, eu digo: “Ah, não sei, quero pensar.” Disseram “Quinze minutos para pensar, não dá tempo”. Entre as coisas que eu tive que medir nesses quinze minutos, foi plano de saúde. Eu tive um câncer. Eu estava no final da época da livraria, e saí logo em seguida, e perdi meu, quer dizer, além de toda a coisa do câncer, eu perdi o plano de saúde. O plano de saúde se recusou a pagar minha cirurgia, eu tive que entrar na justiça. Fiz a cirurgia com a advogada do lado e uma liminar do juiz. Foi uma das batalhas mais duras que eu tive na minha vida, e de repente eu senti que eu precisava muito ter um vínculo com alguma instituição.

**01:25:06:16**

**VIDEOGRAFISMO**

Cadeira 01

Patrono – Adelino Fontoura

Fundador – Luís Murat

 Afonso d’Escragnolle Taunay

 Ivan Lins

 Bernardo Élis

 Evandro Lins e Silva

Atual – Ana Maria Machado